

Segundo empate, jardinagem e manejo florestal participativo

Second draw, gardening and forest management / Segundo empate, jardinaje y manejo forestal

A luta dos seringueiros pelo direito à terra e contra a destruição das florestas que asseguram a base da sua economia familiar trouxe consigo uma bandeira conservacionista inovadora: a proposta de conservação de vastas áreas da Amazônia, feita fora do modelo convencional de unidades de conservação importado dos países industrializados. Este se baseia no “mito da natureza intocada”, em que a conservação só é vista como possível se protegida da ação humana, necessariamente destruidora.

As reservas e projetos de assentamento extrativistas surgiram como antítese ao modelo da conservação em “parques sem gente”. As reservas extrativistas são habitadas por populações que tradicionalmente viveram e protegeram as florestas contra a ação descontrolada de garimpeiros de ouro, madeira e terra. Esse enfrentamento dos seringueiros e outros extrativistas frente ao desmatamento e à extração ilegal de madeira é chamado de “empate”. São centenas ou milhares de comunidades que lutam pelo direito à terra e pela conservação de suas florestas. Esse é o “primeiro empate”.

Em meados de 2000, surgiu, no Projeto de Assentamento Agroextrativista (PAE) Chico Mendes, no Acre, o conceito do “segundo empate”. Na busca por melhor qualidade de vida para uma população em

crescimento, os roçados estão sendo transformados em pastagens e não deixados como capoeiras no tradicional sistema de derruba-cultivo-pousio. O resultado é que as áreas desmatadas estão aumentando.

Apesar de não se tratar ainda de um problema ambiental sério, já que o desmatamento é inferior a 10%, trata-se de um processo histórico onde a cobertura florestal é vista pelos seringueiros como um uso da terra pouco atraente, a ser substituído por outros usos mais rentáveis.

Neste caso, o “segundo empate” seria a interrupção do desmatamento feito pelo seringueiro, por ele próprio. Ao contrário do primeiro, esse empate não será vencido pelo enfrentamento externo, mas sim com alternativas concretas capazes de convencer o próprio seringueiro a tomar a decisão de não desmatar.

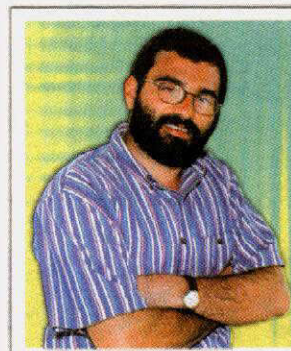
A floresta precisa ser vista não como algo intocado - o que não é - nem como um almoxarifado capaz de atender indefinidamente qualquer intensidade de colheita. As florestas são ecossistemas dinâmicos, o que vêm sendo submetidos a uma diversificada história de perturbações antrópicas nos últimos 10 mil anos e, em especial, neste último século. As florestas não são virgens nem intocadas e apresentam capacidade heterogênea de resistir (resiliência) a essas perturbações.

O grande desafio é ajustar a intensidade e a frequência da colheita de produtos florestais madeireiros e não-madeireiros à capacidade de resiliência dos ecossistemas, suas populações e espécies. Algumas espécies, especialmente aquelas que apresentam alta densidade natural, possuem maior capacidade produtiva. Estas espécies são os “frutos naturais” dos ecossistemas florestais, que podem ter intensidade e frequência de colheita mais elevadas. Por outro lado, existem as espécies raras, com pequena capacidade de resiliência à colheita de sementes ou madeira, que merecem especial atenção e devem ser colhidas em intensidades muito baixas.

Não basta apenas regular a intensidade, a frequência e a forma de colheita às características ecológicas das espécies. É fundamental cuidar das mães, filhas e netas, fazendo a “jardinagem florestal”. Essa jardinagem significa zelar pelas plantas de todas as tamanhos das espécies florestais, especialmente daquelas que estão sendo submetidas à colheita florestal.

Geralmente isso significa dar mais luz, diminuindo a competição, aumentando as taxas de crescimento e diminuindo as taxas de mortalidade das populações naturais.

Por fim, o desafio final é rever a abordagem tecnicista moderna e substituí-la pela abor-



Divulgação/ESALQ/USP

Por Virgílio M. Viana, Engenheiro Florestal, Ph.D., Professor do Departamento de Ciências Florestais da ESALQ/USP.

dagem participativa pós-moderna. Na abordagem moderna convencional, profissionais utilizam o saber técnico-científico como os únicos pilares do processo de tomada de decisões de manejo. Na abordagem pós-moderna, valoriza-se o saber etnoecológico das populações tradicionais, com decisões tomadas junto à realidade onde se dá o manejo, pelos seus protagonistas principais.

O desafio é construir soluções que utilizem o saber tradicional e as ferramentas e conceitos mais sofisticados da ciência e tecnologia convencional. São as “pontes” entre o saber etnoecológico e o saber acadêmico, que passam pelo empoderamento das populações tradicionais. São longos passos rumo à construção da cidadania na floresta - a florestania.

Não é coincidência que estejam sendo enfrentados no PAE Chico Mendes, palco de avanços históricos do movimento de empate dos seringueiros do Acre.▲